

O TRABALHO DOCENTE E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Uma análise de sua historicidade

Maria Ciavatta*

“A verdade é como o ninho de cobra. Se reconhece não pela vista mas pela mordedura”. (Mia Couto).

SEMINÁRIO CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO SÉCULO XXI
Seminário de C & T do ANDES-SN
Brasília - nov. 2011

•Universidade Federal Fluminense e Profa. Visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – mciavatta@terra.com.br

Introdução

O trabalho docente em geral é uma abstração.

O que faz o docente?

É significativa a expressão de um professor em recente entrevista, em uma publicação do ANDES:

“Éramos pagos para pensar; agora somos pagos para produzir”.

Horário de trabalho, atribuições, salário

são determinações muito concretas
que dissimulam o caráter social do trabalho

bem como as relações existentes
entre os trabalhadores docentes,

os produtos de seu trabalho,
os conhecimentos gerados e socializados
para a educação das novas gerações.

Três questões básicas:

“que sociedade somos”,

“o ensino superior e a produção do conhecimento”,

“a pesquisa na contramão”.

Conceitos: totalidade,, mediação, contradição,
historicidade.

Empiricamente: nós, professores, e a universidade
pública no país.

4-5

Que sociedade somos?

A sociedade somos nós, são os outros.

Sociedades são coletivos

que se formam para a produção dos bens materiais, intelectuais, afetivos, religiosos etc.,

para a manutenção da vida e de seus significados, e solução de seus múltiplos problemas.

Sociedade do conhecimento, sociedade da informação, sociedades indígenas, sociedades modernas.

As nações europeias aportaram aqui para trazer o “progresso”, o ideário europeu, branco, renascentista e a cultura da escravidão.

Somos hoje o país com o mais alto grau de desigualdade do mundo:

ainda temos 20 milhões na pobreza,
45,7% não têm saneamento básico,
70% dos problemas de saúde decorrem da ausência de água potável;
o analfabetismo vai de 4,4% na população rural a 22,8 na população rural;
os 10% mais ricos ficam com 42,8% da renda e os 10% mais pobres com 1,3%.

com reis e príncipes, vieram também cientistas, intelectuais, artistas, além de negociantes e trabalhadores .

Com a educação superior e a pesquisa, a sociedade brasileira se constituiu com poucos espaços para a educação do povo.

Insuficiente investimento na educação pública, baixa qualidade do ensino, repetência e evasão dos alunos, desprestígio, baixos salários e insatisfação dos professores, baixos índices de rendimento, reprovação ou promoção automática...

Ainda não temos o ensino médio público, gratuito,
obrigatório, de qualidade,
universalizado para toda a população.

Dos jovens de 18 a 25 anos, apenas 22% terminaram o ensino médio

e 46% deixaram o nível sem concluí-lo (IPEA, 2003).

Não temos políticas públicas
(lei, orçamento, continuidade),

temos programas (Escola da Fábrica, Projovem, Prouni, Pronatec.

8-9

O ensino superior e a produção do conhecimento

A apropriação do termo “pesquisa” para todo e qualquer trabalho que envolva a busca de respostas a questões e a problemas.

È uma palavra de ordem aos professores; não basta ensinar, todos devem ser também pesquisadores.

Em 2008 “o Brasil tinha atingido o 13º lugar classificação global em produção científica” .

O que significa pesquisar, produzir conhecimento nestas diversas acepções, no trabalho docente ?

A pesquisa científica que obriga ao rigor metodológico, implica condições específicas de trabalho, requer tempo, e tempo para pensar.

A última palavra palavra de ordem é inovação.

Neste campo, o trabalho docente requer alunos preparados nos conhecimentos básicos (língua, matemática, física, história ...), inclusive para entender os avanços e os percalços das ciências e da humanidade no mundo atual.

11-12-13

Quando trata do ensino superior,
entre as finalidades da LDB (Lei n. 9.394/97),
incluem-se:

“I – estimular a criação cultural
e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento
reflexivo (...)

III – estimular o trabalho de pesquisa
e a investigação científica,
visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia
e da criação e difusão da cultura
e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem
e do meio em que vive” (art. 43).

Mas a sofisticada proposta da lei não se faz com alunos semianalfabetos como muitos chegam ao ensino superior hoje.

São fruto de uma sociedade que não garante a eles e a suas famílias condições de vida dignas, nem continuidade em escolas de qualidade.

Em geral, têm acesso a muitas informações e pouca articulação conceitual.

Relativamente, poucos os estudantes de graduação conseguem uma bolsa de iniciação científica.

A tradição experimental, positivista da produção do conhecimento no Brasil.

As “áreas nobres” da pesquisa,
as disciplinas que se organizaram como campo de saber
e de poder que remonta
ao nascimento da ciência moderna,

Sua tradição presidiu a pesquisa social
e educacional nos seus primórdios.

Ainda hoje, a dialética da transformação histórica
é alheia a muitos estudos do campo social
e ao sistema que avalia a produção científica.

A produção do conhecimento na contramão

Além de recuperar as carências dos níveis anteriores de escolaridade dos alunos,

o ensino superior precisa oferecer uma estrutura material e pedagógica adequada,

encaminhamentos políticos e orçamentários que dêem materialidade à Lei.

A inovação requer uma expansão do pensamento que vai além da funcionalidade técnica para se tornar mercadoria e gerar lucros.

18-19-20

Não basta a alfabetização funcional de muitos e a especialização de poucos.

No Brasil, a cultura popular é riquíssima porque ela é parte do tecido social e da experiência generalizada em todas as classes sociais.

A inovação requer a generalização da cultura científica

para suscitar a compreensão antecipada dos problemas e criar soluções inovadoras, comprometidas com o bem-estar social, podendo até gerar lucros.

A primarização da economia, em detrimento da pesquisa, da tecnologia e da produção com valor agregado.

“Os bens primários que correspondiam a 42% das exportações latino-americanos em 1998, atingiram 53% do total em 2008.

No Brasil, o aumento proporcional foi ainda maior, “passando de 20% a 35% no período”.

“Primarização e desindustrialização caminham juntas”, mas, principalmente, atingem as indústrias “com maior conteúdo de inteligência e inovação” (Reprimarização, 2011).

Acrescentem-se:

- a mercantilização do ensino superior,
(corporações e grupos financeiros das grandes potências);
- a privatização das universidades públicas
(cursos pagos e outras formas de captar recursos),
- maior carga de trabalho dos professores,
precarização das relações de trabalho,
Individualismo e produtivismo induzido;
- ausência do Estado nas áreas carentes de serviços,
a presença de ongs e a “questão social”,
aceitação positiva pela opinião pública;

23-24-25

- a diversificação das instituições de nível superior, dos cursos e das fontes de financiamento;
- a alocação de recursos públicos em instituições privadas;
- a redução proporcional dos recursos e o aumento do número de alunos (Sguissardi e Reis, 2009);
- a reestruturação das universidades federais e a segmentação da carreira docente;
- a democracia e a autonomia limitadas pela eficiência prescrita;
- a política de avaliação e o produtivismo induzido;

- ameaça ao regime de dedicação exclusiva;
- a incerteza quanto ao futuro da profissão, a exaustão, a falta de tempo e o adoecimento docente.

Considerações finais

Algumas ideias básicas foram brevemente abordadas.

a) A primeira é o questionamento do termo pesquisa banalizado como toda e qualquer busca de informação.

b) Os alunos que chegam ao ensino superior devem apropriar-se de muitos conhecimentos para os quais não tem base pelo ensino fundamental e médio de baixa qualidade que muitos frequentam.

c) necessidade de mudanças nas políticas educacionais no sentido de uma política pública de universalização do ensino médio público, gratuito, obrigatório e de qualidade para toda a população juvenil.

d) Mudanças jurídico-legais para a responsabilização do Estado por todos os níveis educacionais.

e) O viés positivista e mercantilista que pauta a avaliação da produção do conhecimento.

f) Diluição dos conceitos de público e privado e desmonte do setor público.

g) O direito à educação sendo substituído pelo avanço do mercado sobre a educação como um serviço.

h) A competitividade exacerbada compromete a sociabilidade e a cooperação próprias da produção do conhecimento.

À semelhança dos indicadores Dow Jones e Nasdaq as publicações acadêmicas explodiram nas últimas décadas.

“O ensino e a escrita sérios tiveram de ser postos em posição secundária quando as publicações, por si mesmas, foram glorificadas”.